

“AS PROEZAS DE JOÃO GRILLO”: IMAGINÁRIOS DA CULTURA NORDESTINA IMPRESSOS EM POESIA DE CORDEL

Gislene Carvalho

Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Jornalista graduada pela Universidade Federal do Ceará, onde lecionou como professora substituta.

Resumo

Os folhetos de cordel são manifestações culturais comuns no Nordeste brasileiro e se configuram, normalmente, como uma mescla de elementos imaginários e relatos sobre a realidade vivida pelos poetas. Desta forma, os folhetos são crônicas poéticas que registram o cotidiano através de diversas subjetividades, que são formadas na cultura. A fantasia e a imaginação são fundamentais para o processo criativo e ambas estão inseridas em um âmbito cultural. Assim, João Grilo, personagem do folheto de João Ferreira de Lima, é uma representação do Nordeste que utiliza o imaginário para relatar fatos da realidade. Analisamos aqui o folheto “As proezas de João Grilo”, buscando identificar os traços distintivos que nos permitem reconhecer a cultura do Nordeste, através dos conceitos de semiótica da cultura para Bystrina (1999) e Wulf (2000), que refletem sobre processos criativos, fantasia e imaginário.

Palavras-chave: Folhetos de Cordel, Imaginário, Cultura Nordestina

Abstract

“As proezas de João Grilo”: northeastern culture’s imaginary printed in cordel

The cordel’s brochure are habitual cultural manifestations in the Brazilian northeast and are a mix of imaginary and reality lived by the poets. By the way, the brochures are poetic chronics that register the daily with subjectivity, that are made in the culture. The fantasy and the imagination are fundamental for the creative process and both are inserted in a cultural scope. So, João Grilo, a brochure’s character of João Ferreira de Lima, is a representation of Northeast that use the imaginary for report facts of the reality. We analyze here the brochure “As proezas de João Grilo”, trying to identify the distinctive features that enable us to notice the northeast’s culture with the concepts of culture’s semiotics for Bystrina (1999) and Wulf (2000), that reflect bay creative process, fantasy and imaginary.

Keywords: Cordel, imaginary, culture of Nordeste

Resumen

“As proezas de João Grilo”: imaginarios de la cultura nordestina impresa en cordel

Hojas de cordel son manifestaciones culturales brasileñas y se configuran como una mezcla de elementos de ficción e informes sobre la realidad que viven los poetas. De esta manera, los folletos son crónicas poéticas que registran lo cotidiano a través de diferentes subjetividades, que se forman en la cultura. La fantasía y la imaginación son fundamentales para el proceso creativo y ambos están integrados en un contexto cultural. Por lo tanto, João Grilo, personaje de João Ferreira de Lima, es una representación del Nordeste que utiliza el imaginario para reportar hechos de la realidad. Habemos el fin de identificar los rasgos distintivos que nos permiten reconocer la cultura del Nordeste a través de los conceptos semióticos culturales para Bystrina (1999) y Wulf (2000), que reflexiona sobre los procesos creativos, la fantasía y la imaginación.

Palabras clave: Cordel, imagerías, cultura del Nordeste

“AS PROEZAS DE JOÃO GRILO”: IMAGINÁRIOS DA CULTURA NORDESTINA IMPRESSOS EM POESIA DE CORDEL

1. Introdução

Os folhetos de cordel imprimem em suas páginas um discurso que materializa e nos permite ter acesso a uma parte do imaginário social nordestino, possibilitando a identificação de elementos que fazem parte do cotidiano da região, no contexto em que vive cada poeta especificamente, e que têm origem em uma tradição que, muitas vezes, se pratica, mas que não se sabe exatamente qual a sua origem, quais os seus significados primeiros, obedecendo-se apenas aos significados imediatos.

Então, a análise dos folhetos é feita em seus discursos, imagens, temas, abordagens, vocabulários e tantos outros elementos que nos permitem identificar os significados culturais que compõem o todo do cordel, e que fazem com que ele seja até hoje, com a concorrência de tantas outras mídias, ainda uma fonte de informações sobre o cotidiano e sobre as tradições, principalmente do Nordeste Brasileiro. O folheto é um objeto cultural que é composto por outros traços culturais em sua linguagem, seus temas, abordagens, personagens etc.

Nosso objetivo neste trabalho é identificar os elementos distintivos da cultura do Nordeste presentes do discurso dos folhetos, interpretar os significados dos modos como as tradições nordestinas se manifestam nos versos de cordel. Para isso, devemos realizar uma revisão bibliográfica acerca de conceitos da semiótica da cultura que se referem à transferência da realidade para as páginas de uma mídia que mescla ficção e cotidiano, ou seja, à produção textual criativa.

Este folheto conta a história de um personagem que reúne diversos dos estereótipos que compõem a imagem do sertanejo e que servem de elementos simbólicos para a criação de textos literários que possam identificar traços distintivos do Nordeste. Personagem João Grilo não tem uma referência única na realidade cotidiana, mas representa um conjunto de elementos e características que podemos identificar na historicidade do Nordeste Brasileiro.

Podemos reconhecer e interpretar dados culturais que podem ser atribuídos ao imaginário local e coletivo, e que legitimam a tradição, criando um universo simbólico em torno de manifestações de símbolos e significados e que fazem os folhetos transitarem entre a realidade cotidiana e o imaginário que legitima as tradições que se perpetuam nos versos, a partir da criação de imagens e estereótipos do Nordeste, do popular, do sertanejo.

2. Imaginário e Cultura

Consideramos que o imaginário e suas atividades criativas localizam-se nos campos finitos de significação, entendidos como as demais realidades que se constituem no interior da realidade cotidiana, que se coloca como uma realidade mais ampla por ser a realidade em si, nas quais se encaixam os sonhos, as experiências de transe, as realidades virtuais e os contratos de leitura que os indivíduos assumem com as obras de arte. É o que Bystrina (1999) considera como as estruturas fundamentais do pensamento e que já existiam no período pré-humano da história.

Fantasia e imaginário se misturam à realidade dos poetas, viram folhetos de cordel e tornam-se permanentes através de seus aparatos técnicos. E sua percepção pressupõe uma tradição, um conjunto de símbolos reconhecidos culturalmente para que as imagens dos níveis de realidade sejam mentalmente criados e compreendidos, para que haja a possibilidade de interpretação.

A capacidade imaginativa, segundo Wulf (2000), permite transformar o mundo exterior em mundo interior; criar, manter e transformar mundos imagéticos interiores de origens e significados variados. “A fantasia tem uma estrutura de quiasma, na qual interior e exterior se cruzam.” (WULF, 2000, p. 3) É o que possibilita a existência das artes, entre elas a literatura, que mesmo que se considere como ficção, ela parte da realidade, da adaptação de fatos possíveis, da materialização desta imaginação em linguagem, em discurso, em texto escrito ou falado. Os folhetos de cordel fazem isso e mesclam à sua realidade elementos de literatura e contam a sua história a partir de fatos cotidianos e imaginários.

“AS PROEZAS DE JOÃO GRILO”: IMAGINÁRIOS DA CULTURA NORDESTINA IMPRESSOS EM POESIA DE CORDEL

Segundo Wulf (2000), o imaginário usa o simbólico para existir e o simbolismo depende das capacidades imaginativas dos sujeitos que o interpretarão, para que seja possível ver uma coisa em vez de outra ou evocar imagens. É isto que acontece na mente das pessoas que tomam conhecimento de fatos aos quais não estiveram presentes, por exemplo. É isto que a mídia proporciona ao construir realidades e apresentá-las a sua audiência. E o cordel, como mídia, não é diferente. Ele usa o imaginário para construir seus textos e o público usa o imaginário para compreendê-lo e para ter acesso, através da linguagem, à realidade do poeta.

O imaginário, segundo Wulf (2000), trata-se de uma força coletiva que gera elementos da cultura e atua, inclusive, nas percepções que o sujeito tem de seu cotidiano. Assim, o autor elenca três tipos de manifestação da imagem: como presença mágica, como representação mimética e como simulação técnica.

Compreendemos que o imaginário presente nos folhetos de cordel situa-se no campo da imagem como representação mimética, em que o poeta tenta transportar para os versos a sua percepção da realidade, tenta imitá-la, não de modo literal, mas a partir de suas experiências, de sua compreensão cultural, a partir de toda a historicidade que o envolve.

“Portanto, o processo de criação artística objetiva a configuração de uma imagem que está diante dos olhos interiores do pintor ou poeta. O esboço da criação se dissolve mais e mais na imagem, que surge em um meio diferente do esboço imaginado. Aqui ocorrem mudanças, omissões, complementações e coisas do gênero, de modo que só existe uma semelhança limitada.” (WULF, 2000, p. 8).

A representação da realidade nos textos dos folhetos como textos criativos é uma atividade de mediação cultural em que se coloca no papel (materialização da linguagem) um imaginário sobre determinados recortes do cotidiano. O imaginário, assim, realiza-se nas atividades mentais e, assim, nos campos finitos de significação. Para que demais indivíduos tenham acesso a este campo, é necessário que haja uma linguagem, um universo simbólico que o transporta para a realidade cotidiana. O imaginário passa a ser acessível a outros indivíduos e a representar diferentes níveis de realidade.

Segundo Bystrina (1999), as raízes da cultura estão justamente na existência destas atividades mentais. “Localizamos nelas modelos estruturais relativamente invariantes e universais estocados na tradição cultural.” (BYSTRINA, 1999, p. 1) Podemos tomar as reflexões sobre os sonhos como base de reflexão sobre os textos criativos. Assim como os sonhos, que seriam os primeiros textos imaginativos/criativos, os textos da literatura são representações de imagens produzidas na psique humana e vivenciadas, não durante o sono, mas fora da realidade cotidiana, em um recorte espaço-temporal, que transporta os indivíduos para outro nível de realidade, que é parte um contrato de leitura.

Os seres humanos têm a necessidade de fugir da realidade cotidiana para representá-la e compreendê-la. Seja em sonhos e jogos, como menciona Bystrina (1999), seja com a ficção, resultado de atividades imaginativas. Kundera apud Bystrina (1999) considera que o sonho, a capacidade de viver o não acontecido, faz parte das necessidades mais profundas do ser humano.

3. “As proezas de João Grilo”

O folheto “As proezas de João Grilo”, de João ferreira de Lima, conta a história de um órfão de pai que precisava de estratégias para sobreviver com a mãe diante da miséria da região onde viviam. Era “pequeno, magro e sambudo”, como uma vítima dos poucos recursos e da seca do Sertão. Além disso, era fofoqueiro e “dava notícia de tudo”. As características que são apresentadas

“AS PROEZAS DE JOÃO GRILO”: IMAGINÁRIOS DA CULTURA NORDESTINA IMPRESSOS EM POESIA DE CORDEL

pelo poeta fazem referência a uma imagem forte do Nordeste Brasileiro que tem a ver com os homens sofridos pelas situações de seca, de pobreza e de grandes dificuldades.

*“João Grilo foi um cristão
Que nasceu antes do dia
Criou-se sem formosura
Mas tinha sabedoria
E morreu depois das horas
Pelas artes que fazia.” (FERREIRA DE LIMA, 2007, p. 1).*

A análise aqui proposta identifica as características imagéticas do Nordeste que integram a construção do imaginário da região como um campo finito de significação e que, carregando-os como traços culturais na produção criativa realizada no folheto. Estes traços podem ser identificados através das linguagens utilizadas, dos contextos descritos, dos cenários onde João Grilo realiza suas ações e pela própria caracterização do personagem com referências a estereótipos do Nordeste e representando uma personificação das situações de superação de dificuldades típicas da região, que costumam ser caracterizadas por períodos de seca.

Os personagens que interagem com João Grilo são vaqueiros, padres, comerciantes, que não existem apenas no Nordeste, mas suas descrições compõem, junto com as do protagonista, um cenário que remete à imagem do estereótipo do sertanejo. Além de personagens mitológicos, como o Lobisomem, que aparece na noite do nascimento de João Grilo. Ele interage também com um rei egípcio, o que coloca as duas culturas em confronto e permite ainda mais reconhecimento de elementos característicos do nordestino, dos hábitos e comportamentos que o distinguem.

Com marcas de oralidade, o folheto usa termos coloquiais e do cotidiano local. As palavras utilizadas no texto são bem características do vocabulário nordestino: “garapa” (mistura de água com açúcar), “fedorento” (adjetivo para mal cheiro), “beçudo” (lábios grandes), “trepado” (em cima), além de expressões como “meter o dedo na goela” (colocar o dedo na garganta para provocar o vômito) e “égua besta da peste” (uma pessoa muito chata).

Temos, no discurso Ferreira de Lima (2007), elementos de fantasia se misturam à realidade de um território e compõe sobre ele um relato histórico, político, crítico e ao mesmo tempo sutil, cômico e educativo através da legitimação de situações sociais através da linguagem. A percepção dos seres humanos sobre a realidade está muito ligada às questões culturais que envolvem sua formação e isso se manifesta em produções artísticas, como no folheto.

As semânticas culturais manifestas no folheto oferecem conotatividade à linguagem utilizada. “Natureza do cão”, por exemplo, significa personalidade do demônio e não à biologia dos cachorros, como uma interpretação denotativa poderia sugerir. Outro exemplo é o uso da palavra “assombrar” com o sentido de “assustar”, que é comum no vocabulário cotidiano do Nordeste. “Gogó” como sinônimo de garganta, e diversos outros exemplos no decorrer dos versos, que não identificaremos todos aqui, pois este não é o nosso objetivo, apenas apresentá-los como traço cultural manifesto no folheto.

Os contextos, as ações e as intrigas que são apresentados no folheto também nos oferecem dados culturais. São situações descritas que se repetem no cenário nordestino, que também configuram elementos que podem ser interpretados como signos da cultura. João Grilo ficando órfão muito cedo, aos sete anos de idade, pescava diariamente, o que configura uma situação de trabalho infantil com o objetivo de conseguir alimento. No interior do Nordeste é comum que as crianças comecem a trabalhar cedo, partindo da ideia da família de que o trabalho dignifica o homem.

Sem estudar, era de João Grilo a função de provedor, mesmo quando criança:

“AS PROEZAS DE JOÃO GRILO”: IMAGINÁRIOS DA CULTURA NORDESTINA IMPRESSOS EM POESIA DE CORDEL

*“A mãe de João Grilo disse:
Choro por necessidade
Sou uma pobre viúva
E tu menor de idade
Até da escola saíste;
João lhe disse: ainda existe
O mesmo Deus de bondade*

*A senhora pensa em carne
A cinco mil réis o quilo
Ou talvez no meu destino
Que à força hei de segui-lo?
Não chore, fique bem certa
A senhora só se aperta
Quando matarem João Grilo.” (FERREIRA DE LIMA, 2007, p. 12).*

As perguntas feitas pelo sultão e respondidas por João Grilo também têm conotações culturais. Mesmo que o cenário seja transposto para o Egito, as respostas estão situadas no contexto nordestino. Como é o caso do verso que segue em que a pergunta se refere à prática das cantorias de viola realizadas no Nordeste.

*“Grilo, você me responda
Em termos bem divididos
Uma cova bem cavada
Doze mortos estendidos
E todos mortos falando
Cinco vivos passeando
Trabalham com três sentidos*

*Esta cova é uma viola
Com prima, baixa e bordão
Mortas são as doze cordas
Quando canta um cidadão
Canta, toca e faz o verso
Cinco vivos num progresso
São cinco os dedos da mão.” (FERREIRA DE LIMA, 2007, p. 19).*

O sobrenatural é um elemento textual que nos permite identificar com muito mais clareza os elementos criativos, imaginários. O personagem mitológico Lobisomem aparece na noite do nascimento de João Grilo, o que torna o protagonista ainda mais especial, já que neste dia a cidade estava envolta de elementos mágicos. E era este indivíduo de características mágicas que personificaria o desejo de mudança, de superação e de conquista do povo do Nordeste.

*“Na noite que João nasceu
Houve um eclipse na lua
E detonou um vulcão
Que ainda hoje continua
Naquela noite correu
Um lobisomem na rua.” (FERREIRA DE LIMA, 2007, p. 1).*

“AS PROEZAS DE JOÃO GRILLO”: IMAGINÁRIOS DA CULTURA NORDESTINA IMPRESSOS EM POESIA DE CORDEL

Quando o poeta relata que João Grilo “chorou no bucho da mãe”, ou seja, que o protagonista teria chorado enquanto ainda era um feto, temos um elemento muito forte da cultura que se refere às crenças. Quando uma criança chora antes de nascer, significa que ela nascerá com um dom especial, que merecerá destaque. João Grilo estava predestinado a não ser um homem comum e fora agraciado com o dom da esperteza.

*“E nasceu de sete meses
Chorou no bucho da mãe
Quando ela pegou um gato
Ele gritou: não me arranhe!
Não jogue neste animal
Que talvez você não ganhe!” (FERREIRA DE LIMA, 2007, p. 1).*

Os cenários descritos no folheto como plano de fundo para as aventuras de João Grilo são cenários típicos da região. As árvores que são mencionadas, os rios, o clima, as igrejas são os cenários principais dos acontecimentos das cidades pequenas do interior. Todos estes elementos, juntos, constroem as imagens do Nordeste, mais especificamente do Sertão, apresentadas no folheto, através de causos de ficção pelas ações realizadas por João Grilo.

A capacidade imaginativa do poeta permite que a realidade na qual está inserido seja transmitida com leveza, com poesia e com graça, como é o caso da caracterização cômica de João Grilo e de suas formas de sobressair àqueles a quem normalmente é atribuído poder. Como uma obra de cunho cultural, as fronteiras entre a realidade e a imaginação não se distinguem com clareza, nos levando novamente a pensarmos nos folhetos como crônicas da região. Trata-se da forma de apresentar a percepção que os poetas têm do mundo, referindo-se a elementos simbólicos de sua tradição.

O protagonista que usa a esperteza para enganar seus interlocutores e passar por situações de dificuldade, em que outras pessoas poderiam prejudicá-lo de alguma forma, ou mesmo para fazer brincadeiras, que funcionam como críticas, a figuras que representam instituições de poder, como é o caso do padre (Igreja) e o sultão (Estado). Ele representa uma espécie de herói que consegue sair da situação de vítima e passa a ser respeitado por sua esperteza, mas ainda sem livrar-se de preconceitos de classe social, fazendo diversas críticas à realidade, principalmente a situações de exploração.

*“Eu estando esfarrapado
Ia comer na cozinha
Mas como troquei de roupa
Como junto da rainha...
Vejo nisto um grande ultraje
Homenageiam meu traje
E não a pessoa minha.” (FERREIRA DE LIMA, 2007, p. 32).*

A arte carrega consigo uma série de diálogos entre o imaginário e as práticas cotidianas, que envolvem a fantasia e permitem os processos criativos e sua compreensão. Assim, entendemos que as artes são mídias de transmissão de realidades subjetivas, interpretáveis como campos finitos de significação. O folheto nos permite identificar traços da cultura nordestina que são explicados por momentos históricos, por questões geográficas, por referências a hábitos e costumes, por legitimações de instituições e personagens.

4. Considerações Finais

As linguagens, os tipos característicos de personagens e cenários nos oferecem neste folheto alguns dos elementos distintivos da cultura nordestina e que nos permitem reconhecê-la em um texto criativo. Estes elementos nos mostram onde a realidade cotidiana se insere na ficção e a ficção na realidade cotidiana. A forma de fazer estes relatos é resultado de todo um diálogo cultural no qual o poeta está inserido e que, portanto, os injeta no texto e possibilita a compreensão e reconhecimento destes traços a partir da identificação e interpretação da linguagem utilizada nos versos.

O folheto sobre João Grilo é uma manifestação cultural do Nordeste por si só e que contém diversos elementos textuais que nos permitem identificar os traços que distinguem a região, apresentando especificidades linguísticas, conotativas na sua interpretação, descrevem cenários típicos da região e as intrigas envolvem situações e personagens que também são comuns no Nordeste brasileiro, mesclados de uma produção criativa dos poetas que dão permanência aos versos.

Como representativo da região, João Grilo é personagem que extrapola as fronteiras do folheto de João Ferreira de Lima e inspira outros autores. Ariano Suassuna, Zé do Jati e Arievaldo Viana são exemplos de quem vê em João Grilo uma personificação da cultura nordestina e a ele atribuem novas intrigas, contam novas histórias, mantendo sempre a figura crítica que bebe no imaginário social para registrar uma realidade da região.



Referências

BAITELLO JR., Norval. *O tempo lento e o espaço nulo. Mídia Primária, Secundária e Terciária*. In: FAUSTO NETO, Antônio et al. (Org). *Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/pt/biblioteca/viewdownload/7-textos-de-norval-baitello-junior/10-o-tempo-lento-e-o-espaco-nulo-midia-primaria-secundaria-e-terciaria.html> Acesso em 26 de maio de 2015

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985

BETH, Hanno e PROSS, Harry. *Introducción a la ciencia de la comunicación*. Barcelona: Anthropos, 1990.

BYSTRINA, Ivan. *Cultura e Devoração: as raízes da cultura e a questão do realismo e do não-realismo dos textos Culturais*. Palestra proferida na Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP em 12/10/1990. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/pt/biblioteca/finish/21-textos-de-ivan-bystrina/66-cultura-e-devoracao.html> Acesso em 26 de maio de 2015

FERREIRA DE LIMA, João. *Proezas de João Grilo*. Fortaleza: Tupynanquim, 2007.